

10. Não se é cristão para si mesmo, mas com Cristo para os outros

por Julián Carrón*

Por que razão vale a pena ser cristão hoje, se é possível salvar-se também de outras maneiras? Que justificação da nossa fé nos damos a nós mesmos? Este é o maior desafio que podemos receber.

Temos de verificar quais as razões que temos para continuarmos cristãos agora, neste momento histórico. É o que nos dizia Dom Giussani: se a fé cristã não for uma experiência presente, confirmada por esta experiência, se eu não puder encontrar na minha experiência a confirmação da conveniência humana de ser cristão, a minha fé nunca poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário.¹ Será que aconteceu, então, na nossa vida um encontro em que Cristo se revelou como resposta para as urgências profundas da nossa humanidade? Será que podemos dizer, em razão disto, que sem Cristo nos falta a coisa mais decisiva para viver, a coisa mais querida? Será que temos, em suma, uma razão adequada para aderir a Cristo? É como se tivéssemos de nos descobrir livres perante Ele: livres para amá-Lo livremente, como dizia Péguy: «Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres».²

Aqui podemos colocar a outra questão: qual é a nossa missão, qual é a nossa tarefa no mundo? A circunstância histórica que estamos a viver leva-nos a aprofundar a natureza do nosso ser cristãos no mundo. Bento XVI lembra-nos que «a *proexistência* de Cristo», isto é, o Seu “ser para”, é a «expressão da figura fundamental da existência cristã e da Igreja como tal [...]. Cristo, enquanto único, era e é *para todos* e os cristãos, que, na grandiosa imagem de Paulo, constituem o Seu corpo neste mundo, participam deste *ser-para*. Continua Bento XVI: «Não se é cristão para si mesmo, mas sim, com Cristo, para os outros. Isso não significa uma espécie de bilhete especial para se entrar na bem-aventurança eterna, mas sim a vocação para construir o conjunto, o todo. Aquilo de que a pessoa humana precisa tendo em vista a salvação é a íntima abertura em relação a Deus, a íntima expectativa e adesão a Ele, e isso significa, pelo seu lado, que nós, juntamente com o Senhor que encontrámos, vamos ter com os outros e tentamos tornar visível para eles o advento de Deus em Cristo».³

Com isto fica claro o desígnio de Deus e o motivo por que nos escolheu, dando-nos a Sua graça: Ele suscitou tudo o que referimos hoje, percorrendo a história de Israel até à vinda »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» de Cristo, para vivermos já no presente a plenitude a que aspira o nosso ser e para tornarmos conhecida, através dela, a Sua presença no mundo. Talvez agora seja mais claro para nós por que razão Dom Giussani considera o «sim» de Pedro decisivo para a constituição de um protagonista novo na cena do mundo. Toda a tentativa de Deus, de Cristo, é gerar Pedro, um homem que com o seu «sim» O possa testemunhar no mundo, um eu que possa «ser para» todos os outros. Sem isto não existiria o rosto humano da misericórdia na história. A iniciativa de Deus tem por finalidade gerar um eu que possa torná-Lo presente, então como hoje. Por conseguinte, a tarefa da Igreja não pode ser outra senão a de fazer o que vimos Deus fazer ao longo da história.

«Esta [nossa] grande amizade, na qual se realiza a verdade plantada no mundo pelo mistério da morte e da ressurreição do Senhor, é toda destinada ao mundo. O destino, a intenção profunda da comunidade cristã é o mundo, “para os homens” [diz Dom Giussani]: uma dedicação profunda e apaixonada pelos homens e pelo seu destino, uma tensão para tornar presente dentro da trama da convivência do costume, onde os homens sofrem, têm esperança, tentam, negam, esperam o sentido último das coisas, o Facto de Jesus Cristo, única salvação dos homens. O “para os homens” é o motivo historicamente exaustivo da vida da comunidade cristã. A abertura incondicional à missão é garantia de verdade e de autenticidade da própria vida da comunidade cristã: “Eu consagro-me por eles, a fim de que também eles sejam consagrados na verdade”».⁴

¹ Cfr. L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 20.

² C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 343.

³ “Intervista a S.S. il papa Emerito Benedetto XVI sulla questione della giustificazione per la fede” (“Entrevista a S.S. o Papa Emérito Bento XVI sobre a questão da justificação pela fé”). In: Daniele Libanori (Org.), *Per mezzo della fede*. Cisinello Balsamo (MI): San Paolo, 2016, pp. 135-136. Ver também: *L'Osservatore Romano e Avvenire*, 16 de março de 2016.

⁴ H.U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milão: Jaca Book, 1978, p. 167-168.